

SPELL REEL / 2017

um filme de Filipa César

Realização, Montagem e Argumento: Filipa César / **Colaboração no argumento:** Diana McCarty, Mark Waschke / **Fotografia:** Jenny Lou Ziegel / **Imagem e Som 1967-80:** José Bolama, Cobumba, Julinh Camará, Djalma Fettermann, Flora Gomes, Josefina Lopes Crato, Sana na N'Hada, Rudi Spee / **Imagem e Som 2012-15:** Suleimane Biai, Filipa César, Marta Leite, Nuno da Luz, Dídio Pestana, Benvindo dos Santos, Aissatu Seidi / **Texto adicional e comentário:** Anita Fernandez, Flora Gomes, Sana na N'Hada / **Som:** Dídio Pestana / **Produção:** Filipa César, Filmes do Tejo II e Spectre productions (Portugal, França, Alemanha) / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, versão original, legendada em português / **Duração:** 96 minutos / **Primeira apresentação pública:** 22 de Fevereiro de 2017, Festival de Berlim, Forum / **Estreia comercial:** 21 de Junho de 2018, Cinema Ideal / Primeira exibição na Cinemateca.

Spell Reel é a primeira longa-metragem de Filipa César, sucedendo a várias instalações apresentadas pela artista em galerias e a um conjunto de curtas-metragens por si realizadas, nomeadamente **Cacheu** (2012), **Conakry** (2013) e **Mined Soil** (2012-2014) ou **Navigating the Pilot School** (2016), que com **Spell Reel** partilham um universo comum. **Spell Reel** representa também uma etapa decisiva no trabalho colaborativo que a artista iniciou em 2008 sobre o cinema produzido na Guiné durante as lutas da libertação e os primeiros anos da independência com os realizadores guineenses, Sana na N'Hada e Flora Gomes e vários outros protagonistas. Projecto curiosamente denominado a “Luta ca caba inda”, ou “a luta ainda não acabou”.

Spell Reel é assim um “filme-coro, feito por e a várias vozes” (Filipa César) que encerra um projecto colectivo de pesquisa, recolha, digitalização (e posterior disseminação) de imagens e sons na sua maioria pertencentes à colecção no INCA – Instituto de Cinema e Audiovisual da Guiné-Bissau. Um trabalho de árduo levado a cabo com a colaboração do Arsenal – Institute for Film and Video Art, em Berlim, que foi essencial para todo o processo técnico de digitalização dos materiais existentes. A viver na Alemanha, Filipa César trabalhou de perto com o Arsenal em todo o processo de recuperação da história do cinema revolucionário guineense. Sana na N'Hada and Flora Gomes acompanharam Filipa César nesta viagem e aqui guiam-nos num filme para o qual contribuíram com os seus comentários e texto adicional. Contudo os protagonistas não são eles, mas os filmes que durante anos estiveram esquecidos ou adormecidos: todo um vasto arquivo de material audiovisual, que inclui os seus próprios filmes, mas também as imagens e sons registados por Josefina Lopes Crato, José Bolama, Cobumba, Julinh Camará, Djalma Fettermann e Rudi Spee. Material filmado entre 1967 e 1980, à data em péssimas condições de conservação. Um arquivo em “ruínas”, pois após o golpe militar de 1980 muitos destes filmes perderam-se e os restantes corriam o risco de desaparecer completamente.

Disto nos dá conta **Spell Reel**, obra colectiva cuja montagem (ou “ensaio”, como é creditado no genérico) cabe a Filipa César. O material que congrega revela-nos marcos importantes da luta da libertação e outros momentos históricos, que são comentados no presente em que o filme é realizado, mas também nos elucida como a origem do cinema feito por guineenses

esteve directamente ligada a uma concepção de descolonização de Amílcar Cabral sobre o poder e a importância do cinema na construção do futuro de uma nação, de que um dos pilares era também a educação (assistimos aqui ao muito citado discurso de Cabral sobre a educação e o medo, presente num dos primeiros filmes colectivos promovidos pelo PAIGC). Foi Amílcar Cabral que enviou o primeiro grupo de futuros cineastas para estudar cinema em Cuba, os mesmos que documentaram a guerra da independência da Guiné-Bissau face a Portugal e os primeiros anos da independência. Uma visão assente na crença no poder cinema, cuja semente – como perceberemos em **Spell Reel** – também deve muito a Mário Pinto de Andrade, fundador do MPLA referido como aquele que a dada altura fez a ponte entre o cinema guineense e o contexto internacional. Vários anos depois da morte de Cabral, Mário Pinto de Andrade e a sua companheira, a realizadora Sarah Maldoror, terão convencido Chris Marker a participar no esforço guineense. Em 1979 Marker passou vários meses na Guiné, trabalhando de perto com os seus realizadores, tendo vindo a incluir material filmado por N'Hada no carnaval no seu filme **Sans Soleil**. Como diz Sana na N'Hada em **Spell Reel**, “num dado momento o futuro do cinema guineense esteve a ser tratado por Chris Marker”.

Em **Spell Reel** testemunha-se isso mesmo através das entrevistas a Sana na N'Hada ou a Flora Gomes, mas também de uma montagem que congrega material de vários períodos, sendo o mais recente, registado entre 2012 e 2015 da autoria de Filipa César e de vários outros criadores e técnicos, que com ela colaboraram. Nesse confronto entre materiais de temporalidades diferentes, percebe-se claramente que uma vertente essencial deste projecto era a exibição do material recuperado e digitalizado em sessões ambulantes comentadas por aqueles que protagonizaram as imagens e sons, ou por outros que as ajudam a contextualizar. Sessões que eram cuidadosamente registadas, em que se discutiam as imagens à luz de um debate mais amplo sobre o projecto de construção de uma nova sociedade, afirmando como a experiência colectiva e a história oral são indissociáveis da nova vida destes filmes, permitindo-lhes descobrir um novo capítulo da sua própria história.

Tratava-se então de acordar um frágil arquivo e de o resgatar através do seu visionamento e debate por diferentes gerações, em projecções itinerantes nas aldeias isoladas da Guiné-Bissau onde foram feitas filmagens no passado, mas também da sua apresentação num contexto internacional, onde estas imagens (e outros filmes de Filipa César relacionados com estas questões) têm dado origem a muita discussão. Alternando e sobrepondo diferentes tempos e espaços, **Spell Reel** revela a potência do que tem sido designado como uma “imagem biface” ou uma “imagem dialéctica” que trabalha a coalescência de temporalidades distintas.

Imagens invertidas são mostradas numa visionadora transformada numa “cápsula do tempo”. Recuamos muitos anos e um homem que olha essas mesmas imagens no presente traduz para crioulo as palavras de uma guerrilheira. É com o recurso à projecção pública, mas também a estas máquinas do cinema destinadas ao visionamento individual, que **Spell Reel** realiza um trabalho importante em torno da memória e da reactivação de um arquivo e dos seus fragmentos, interrogando o papel do cinema como instrumento de descolonização, ao mesmo tempo que procura respostas para um tempo presente.

Joana Ascensão